

# Projetos de ensino da arte promovem diálogo

*Os projetos de ensino destacados pelo júri nacional e contemplados com o IV Prêmio Arte na Escola Cidadã são coerentes com os objetivos propostos por seus autores, apropriam-se de imagens da arte para ampliar o repertório dos alunos, são motivadores, multidisciplinares, relacionam temas relevantes e atuais com conteúdos específicos da arte, consideram os alunos como co-autores e promovem a participação dos pais e da comunidade, ultrapassando os limites da escola.*

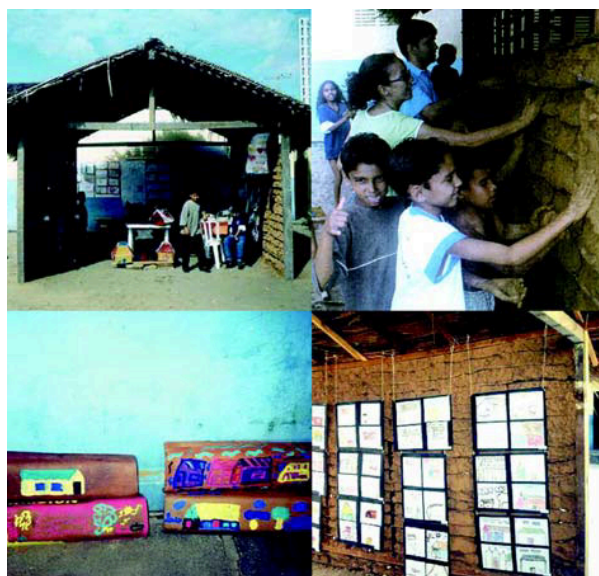
## Mãos à obra

O Projeto Mão na Massa, do professor Robson Xavier da Costa, da Escola Municipal Professora Noêmia Alves, de João Pessoa/PB, conquistou o primeiro lugar na categoria *Educação Infantil a 1ª. a 4ª Série do Ensino Fundamental*. Artista plástico, arte-educador e arte terapeuta, ele desenvolveu o trabalho com alunos da 2ª série de uma escola da rede municipal de ensino da cidade do Conde/PB, localizada a 13 km da capital, na chamada “grande João Pessoa”.

O processo teve início com a escolha do tema: a descoberta da cidade, abordando desde os diferentes tipos de habitação humana às características peculiares dos meios urbano e rural. Como a maioria das crianças era moradora da periferia da cidade, ou da zona rural, a oportunidade de conhecer a cidade foi altamente motivadora. Alguns alunos nunca tinham saído de suas comunidades.

O município de Conde é particularmente interessante porque apresenta belas praias e paisagens ao lado de áreas construídas de forma desordenada, onde há barracos de palha, choupanas, casas e pequenos edifícios convivendo com mansões e pousadas de luxo.

O conhecimento e a simbolização da moradia individual foram pontos de partida do projeto. Para tanto, os alunos realizaram estudos com desenho, colagem, pintura e confecção de objetos. Na etapa seguinte, o grupo estudou a obra de Alfredo Volpi, o barroco paraibano, as construções coloniais e a arquitetura moderna da cidade de João Pessoa. O projeto culminou com a construção de uma casa, em tamanho natural, utilizando o



Projeto Mão na Massa do professor Robson.

processo da taipa, muito comum na arquitetura rural nordestina. Os pais tiveram participação importante nessa etapa de construção coletiva, que abrigou a exposição dos trabalhos dos alunos.

“Procurei favorecer uma aprendizagem significativa na área de arte, articulando conteúdo, técnica e leitura de mundo, associando os assuntos trabalhados em sala de aula com a vida cotidiana dos alunos”, relata Robson. E completa: “O prêmio é uma forma de agradecer a todos os meus alunos que, ao longo de minha carreira, vêm me proporcionando momentos de aprendizagem significativa, o que me leva a pensar sobre meu papel no mundo e na minha vida.”

## Você tem fome de quê?

Débora da Rocha Gaspar e Marília de Borba, professoras do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), de Florianópolis/SC (Pólo Caufsc), criaram um projeto de ensino de arte tendo como referencial o tema da fome e o aplicaram em duas turmas de 3ª série, com alunos na faixa entre 9 e 10

anos. Por esse trabalho mereceram o segundo lugar na categoria *Educação Infantil a 1ª. a 4ª Série do Ensino Fundamental*.

O programa do Governo Federal, Fome Zero, já estava sendo trabalhado na escola como tema em todas as disciplinas quando o projeto de artes iniciou. “A dinâmica mudou a partir do exercício de escrevê-lo para o IV Prêmio, pois fomos refletindo sobre a nossa prática e, ao mesmo tempo, fazendo uma revisão sobre ela, num processo contínuo de avaliação, que nos auxiliou a melhor conduzir o trabalho.”

Num primeiro momento, os alunos foram levados ao Espaço Estético do Colégio para apreciar uma exposição de imagens de arte relacionadas à pergunta “Você tem fome de quê?”. Eles assistiram a um vídeo sobre o tema e conheceram a obra da artista plástica Vik Muniz, que trabalha com materiais efêmeros. Um piquenique foi, então, realizado no pátio do colégio e os alunos construíram um texto imagético em panos de prato. Na reunião de apreciação, cada um falou de sua produção, enquanto as professoras estabeleciam relações com elementos da linguagem visual, tais como forma, textura e composição. Ao final, puderam devorar a representação de seus próprios sonhos. “Eu achei interessante esse piquenique. Aprendi que os sonhos se realizam em qualquer lugar”, disse Fernando, de 9 anos.

Dando continuidade à observação de representações artísticas que utilizam a comida como elemento de composição, foram apresentadas reproduções de obras de Giuseppe Arcimboldo, Paul Cézanne, Cândido Portinari, Aldemir Martins, Tarsila do Amaral, Claes Oldenburg, Jeff Koons, para ampliar o

# Diálogo crítico entre escola e sociedade

repertório imagético e preparar o grupo para a construção de um quebra-cabeça.

O projeto continua em andamento, tratando de questões sociais relacionadas à fome e à pobreza. Para as próximas etapas, está previsto o estudo do modernismo brasileiro, em especial do movimento antropofágico, com utilização de recursos didáticos que incluem vídeos do acervo Arte na Escola.

## Que viagem! O viajante

As professoras Célia Von Meigden Meirelles, Maria Eugênia Marques e Eliane Wolffenbüttel, que começaram a trabalhar em conjunto no grupo de estudos do Pólo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dividiram o primeiro lugar na categoria de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio com outra gaúcha, a professora Marília Schmidt Fernandes, de Canoas/RS.

O projeto *Que viagem! – O viajante* foi desenvolvido em três escolas municipais da periferia de Porto Alegre: Governador Ildo Meneghetti, Senador Alberto Pasqualini e Saint Hilaire, localizadas nas zonas Norte, Sul e Leste



Trabalho em equipe no projeto Que Viagem! O viajante

da capital, envolvendo 300 alunos de onze turmas do segundo ano do terceiro ciclo, com idades entre 12 e 15 anos.

O projeto iniciou com o estudo das culturas indígena, africana, asiática e européia, bases da formação do povo brasileiro. O objeto referencial era a

mala e o documento de registro um diário de viagens. Os alunos foram convidados a atuar como exploradores, percorrendo o multifacetado cenário cultural brasileiro e registrando cada passo de sua interação com as diferentes etnias. Foram utilizados anúncios e reportagens de revistas, vídeos, livros de arte, mapas, jornais, programas de televisão e objetos étnicos. “O título surgiu da gíria dos alunos, significando tanto a trajetória em si como algo insólito, repleto de imaginação”, contam as autoras.

Os alunos que concluíram a confecção de suas malas até abril de 2003 viajaram de barco pelo Guaíba, em excursão documentada e apresentada depois em evento nacional. As cestas, mochilas, bolsas, caixas e malas propriamente ditas foram construídas em papelagem e papel machê, inspirados nas imagens dos povos que conheceram. Nos diários, ilustrados com imagens, desenhos e colagens, os alunos registraram todas as suas pesquisas e observações, descrevendo os processos de construção dos objetos.

“O Prêmio vem salientar a importância que a arte tem feito na escola. Os alunos acabam adquirindo um outro olhar e tornam-se mais participativos. Eles sabem o que estão fazendo e por quê. Trabalhar em trio foi uma chance grande para a troca de idéias e fazer parceria”, disse a professora Célia Von Meigden Meirelles.

## Além dos limites do olhar

“No ano que vem vou fazer 10 anos de Arte na Escola”, festeja a professora Marília Schmitt Fernandes, que conquistou o Prêmio Arte na Escola Cidadã pelo trabalho diferenciado que vem desenvolvendo na Escola Municipal Arthur Pereira de Vargas, em Canoas/RS.

O projeto premiado neste ano pretendia, desde sua concepção, ser “uma aventura coletiva” envolvendo alunos de 6ª a 8ª série. A proposta era valorizá-los no contexto de suas vivências e ampliar a sua consciência corporal, ao associar as partes do corpo aos meses do ano e também aos quatro elementos da natureza – terra, água, fogo e ar”, relata Marília.



Mão da Iolanda, aluna da professora Marília Schmitt

“Apuramos nossa sensibilidade crítico/estética através de competências artísticas inerentes a diversas linguagens da Arte (artes visuais, música, teatro, dança, arte digital, culturas de mídia...) onde o aluno exercitou produções individuais e coletivas ora apreciando, ora fruindo, ora valorizando, ora preservando. E eu, ora ensinando, ora aprendendo a ser arte educadora”.

## Teatro Inclusivo, uma possibilidade

O projeto da professora Antônia Silvana F. Chaves, do Centro Educacional 02 do Cruzeiro Novo, Cruzeiro/DF (Pólo-UnB), recebeu menção honrosa por abrir um espaço de inclusão social ao promover a integração entre alunos da escola regular e alunos portadores de deficiência visual do Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV).

A montagem do espetáculo teatral suscitou reflexão sobre a realidade socioeconômica e política da região nordeste retratada na obra do poeta popular Patativa do Assaré. “O contato com os alunos especiais foi muito emocionante, com boa repercussão na cidade. Foi um trabalho inovador, que provocou mudança de comportamento na vida pessoal e social de todos os alunos envolvidos”, avalia a autora. E faz um apelo: “A inclusão social e educacional se faz urgente e necessária”.